

Curso de Linguística Histórica (FLL 0443)

A mudança sonora sintagmática

Exercícios - Gabarito
(baseados em Trask, 1996:72-73)

(1) Este exercício foi desenhada para testar seu domínio da terminologia técnica que foi introduzida. Identifique as seguintes mudanças. Sua resposta deve incluir tanto a classe geral da mudança, p. ex., “assimilação”, como o tipo específico, p. ex., “vozeamento”.

- (a) pré-islandês, **bro[θ]er* > islandês antigo, *bro[ð]er* "irmão".
Tipo de mudança: LENIZAÇÃO; especificamente, SONORIZAÇÃO ou VOZEAMENTO. A fricativa interdental surda ([θ]) se torna fricativa interdental sonora ([ð]). **Eventual motivação:** Assimilação da articulação ao ambiente intervocálico sonoro (as vogais tipicamente são sonoras).
- (b) pré-grego, *[g^w]*ous* > grego, *βους* [b]*ous* "boi".
Tipo de mudança: LABIALIZAÇÃO; especificamente DESARREDONDAMENTO (poderíamos falar também de DESVELARIZAÇÃO, já que o traço velar é substituído pelo traço bilabial). A oclusiva velar sonora ([g]) apresenta o traço de *labialização* [w], ou seja, a articulação deste fone exibe *arredondamento labial*. Essa labialização se generaliza e o fone passa a ser uma oclusiva *bilabial* sonora ([b]), ou seja, o fone continua sendo *labial*, mas agora é *bilabial*, não velar, mas sem arredondamento dos lábios. **Eventual motivação:** assimilação ao contexto vocálico que segue - [ow], depois [u].
- (c) basco, [b]*ake* > basco ocidental, [p]*ake* "paz".
Tipo de mudança: FORTALECIMENTO, especificamente DESVOZEAMENTO ou ENSURDECIMENTO. **Eventual motivação:** Talvez trate-se de assimilação antecipatória ou regressiva ao ponto de articulação da oclusiva seguinte (uma oclusiva velar surda). Porém, o sistema fonológico do basco não permitia a presença de oclusivas surdas em posição inicial absoluta de palavra. O sumiço desta regra fonológica nos dialetos bascos ocidentais também poderia ser a motivação desta mudança. Influência da pronúncia [p] em espanhol, a língua de prestígio, pode ser outro motivo.
- (d) pré-latim, **flō[s]ēs* > latim clássico, *flō[r]ēs* "flores".
Tipo de mudança: É um caso de FORTALECIMENTO, o tipo é de DESFRICATIVIZAÇÃO / DESESPIRANTIZAÇÃO / CONSONANTALIZAÇÃO, especificamente LATERALIZAÇÃO, especificamente ROTACISMO. **Eventual motivação:** Estudamos este processo várias vezes nas aulas. A fricativa alveolar surda pré latino foi sonorizada no ambiente intervocálico vozeado ([s] > [z]), e, posteriormente, ocorreu a lateralização que é rotacismo ([z] > [r]).
- (e) inglês moderno, *Deborah* ['dɛ.bɔ.ɪə] > ['dɛ.bɪə].
Tipo de mudança: SÍNCOPE (elisão de um segmento no meio de uma palavra). **Eventual motivação:** É muito comum que as sílabas átonas sofram redução e até elisão, especialmente em contextos postônicos e intertônicos. Isso pode ser compreendido como uma economia de esforço.
- (f) pré-finlandês, **kā[t]i* > finlandês moderno, *kā[s]i* "mão".
Tipo de mudança: LENIZAÇÃO, especificamente ESPIRANTIZAÇÃO. **Eventual**

motivação: pode ser um caso de ASSIMILAÇÃO da maneira de articulação da obstruente à maneira de articulação das vogais (contínuas, sem oclusão).

(g) inglês, *furo*[ɹe] > inglês americano, *fur*[ɹ̥ɹ].

Tipo de mudança: Há duas diferenças entre os exemplos do inglês britânico e americano. O que nos interessa neste exercício é a elisão da última vogal, que exemplifica o fenômeno de APÓCOPE (elisão de segmento no final de uma palavra). Além disso, há uma diferença na qualidade da vogal tônica - [ju:] versus [u:] - no inglês britânico meridional padrão existe um aproximante ou glide anterior [j] (o iode) que torna o núcleo do segmento um ditongo crescente. Esse aproximante não-silábica não existe inglês americano. **Eventual motivação:** A posição final de palavra é tipicamente fraca em termos articulatórios especialmente quando se trata de uma posição postônica. A provável motivação será a economia de esforço de novo.

(g) latim, *le*[g]e > italiano, *le*[dʒdʒ]e.

Tipo de mudança: São dois processos gerais - LENIZAÇÃO seguida por FORTALECIMENTO. Primeiro, a oclusiva velar sonora latino ([g]) sofre lenização antes de vogais anteriores ([e] e [i]) e se torna uma aproximante ([j]) ou uma fricativa prepalatal ([ʒ]) por ESPIRANTIZAÇÃO. Depois disso, inicia-se o processo de fortalecimento. Ocorre AFRICAÇÃO ([ʒ] > [dʒ]) e GEMINAÇÃO ([dʒ] > [ddʒ]).

(2) O esquema abaixo é considerado a história evolutiva da palavra francesa *cent* [sã] "cem" durante os últimos 6.000 anos. Identifica as mudanças que ocorreram entre cada etapa no processo (NB [k], [t] e [ts] são segmentos simples).

- | | | | | | |
|---------------|---|---------------|----------------|---|----------------|
| 1. ['kɱ.tom] | > | 2. ['kem.tom] | 8. ['kʲen.to] | > | 9. [cen.to] |
| 2. ['kem.tom] | > | 3. ['ken.tom] | 9. ['cen.to] | > | 10. ['tʃen.to] |
| 3. ['ken.tom] | > | 4. ['ken.tum] | 10. ['tʃen.to] | > | 11. ['tsent] |
| 4. ['ken.tum] | > | 5. ['ken.tũ] | 11. ['tsent] | > | 12. ['sent] |
| 5. ['ken.tũ] | > | 6. ['ken.tu] | 12. ['sent] | > | 13. ['sen] |
| 6. ['ken.tu] | > | 7. ['ken.to] | 13. ['sen] | > | 14. ['sẽ] |
| 7. ['ken.to] | > | 8. ['kʲen.to] | 14. ['sẽ] | > | 15. ['sã] |

Resposta

1. ['kɱ.tom] > ['kem.tom]: A ressoante nasal bilabial silábica o núcleo da primeira sílaba sofre DESEMPACOTAMENTO ou SEGMENTALIZAÇÃO para se tornar uma seqüência de vogal (núcleo) + consoante nasal bilabial (coda).
2. ['kem.tom] > ['ken.tom]: A nasal bilabial na coda da primeira sílaba sofre assimilação em antecipação do ponto de articulação dental/alveolar da oclusiva coronal surda que a segue ([t]).
3. ['ken.tom] > ['ken.tum]: A vogal média-alta posterior arredondada da última sílaba SOBE/FECHA um grau.
4. ['ken.tum] > ['ken.tũ]: Ocorre NASALIZAÇÃO da vogal alta na sílaba final (fusão fonêmica) e ELISÃO (APÓCOPE) do segmento nasal bilabial. A sílaba final se torna aberta.
5. ['ken.tũ] > ['ken.tu]: A mesma vogal alta final sofre DESNASALIZAÇÃO (ela é ORALIZADA).

6. ['ken.tu] > ['ken.to]: A vogal alta posterior arredondada da sílaba final DESCE/ABRE um grau.
7. ['ken.to] > ['kʲen.to]: Surge um processo de PALATALIZAÇÃO das oclusivas velares diante de vogais anteriores (vogais ditas palatais). Isso corresponde a uma assimilação regressiva da oclusiva velar surda ao ponto de articulação anterior da vogal seguinte, “puxando” a língua para até a região anterior da cavidade bucal.
8. ['kʲen.to] > ['cento]: A oclusiva velar surda avançada sofre PALATALIZAÇÃO.
9. ['cento] > ['tʃen.to]: A oclusiva palatal surda sofre uma mudança na maneira de articulação (AFRICAÇÃO), sendo convertido em uma africada alveopalatal surda.
10. ['tʃen.to] > ['tsen.to]: Mudança no ponto de articulação da africada: de alveopalatal para alveolar.
11. ['tsen.to] > [tsent]: Novamente, ocorre APÓCOPE vocálica. O resultado desta mudança é que a palavra dissilábica original se torna um monossílabo.
12. [tsent] > [sent]: A africada perde o traço oclusivo inicial (AFÉRESE), portanto, podemos designar este processo um exemplo de DESAFRICAÇÃO ou de ESPIRANTIZAÇÃO, já que o que resta da antiga africada é apenas o elemento fricativo, a sibilante alveolar surda.
13. [sent] > [sen]: Observamos mais um caso de APÓCOPE. Nesta ocasião, trata-se da elisão de uma consoante (a oclusiva alveolar surda).
14. [sen] > [sẽ]: Surge uma nova FUSÃO entre o segmento nasal alveolar e a vogal que o precede, ou seja, ocorre NASALIZAÇÃO, e a sonante nasal é elidida (APÓCOPE)
15. [sẽ] > [sã]: A vogal média-alta anterior nasal DESCE e ABRE dois graus e RETRAI no para a parte posterior da boca.

(3) Algumas palavras inglesas que antigamente foram pronunciadas com um [t], perderam esse mesmo [t] embora a letra <t> tenha sido preservada na ortografia. Alguns exemplos desse processo são:

<i>soften</i> [sof.tɪ] > [sɒf.ɪ] “amaciar”	<i>castle</i> [kas.tl̩] > [ˈkɑːsl̩] “castelo”
<i>listen</i> [lis.tɪ] > [ˈli.sɪ] “escutar”	<i>bustle</i> [ˈbus.tl̩] > [ˈbʌ.sl̩] “trabalhar rapidamente”
<i>fasten</i> [fas.tɪ] > [ˈfɑːsɪ] “fixar”	<i>bristle</i> [ˈbrɪs.tl̩] > [ˈbrɪ.sl̩] “cerda”
<i>hasten</i> [has.tɪ] > [ˈheɪ.sɪ] “apressar-se”	<i>mistletoe</i> [ˈmɪs.tl̩.təʊ] > [ˈmɪ.sl̩.təʊ] “visco”

Porém, o [t] não foi eliminado de palavras como, p. ex., *muster* [ˈmʌ.stə(ɹ)] “juntar”, *blister* [ˈblɪs.tə(ɹ)] “bolha”, *foster* [ˈfɒstə(ɹ)] “criar”, “de criação”, *custom* [ˈkʌstɪm] “costume”, nem sumiu em casos como *astound* [əˈstaʊnd] “alucinar”, “maravilhar” e *extend* [ɪkˈstend] “estender”. Descreva da forma mais precisa que puder, as circunstâncias em que esse [t] foi perdido.

Considere o caso interessante de *often* “frequentemente”. Algumas pessoas pronunciam o <t> nesta palavra - [ɒf.tɪ] - enquanto outras não o pronunciam - [ɒ.fɪ]. O que você acha que poderia ter acontecido neste caso?

Resposta:

As sequências de fricativa + oclusiva alveolar + lateral/nasal alveolar silábica foram reduzidas pela síncope da [t], em que a elisão da oclusiva permitiu a migração da fronteira silábica para depois da fricativa, gerando uma estrutura silábica mais simples: C(R)VC.Cɹ > C(R)V.Cɹ.

No caso das palavras em que a sequência foi mantida, o ressonante silábico não era homorgânico com a oclusiva alveolar ou era uma vogal.

O caso de *often* é curioso. O mais provável é a variação seja o resultado da influência da grafia ou talvez seja porque a fricativa não é alveolar ([f]), embora *soften* sofreu a síncope, ou porque a primeira sílaba não tenha ataque. Outra possibilidade é que a mudança ocorreu por difusão lexical e por algum motivo, *often* ficou “no final da fila” para mudar. Ainda outra possibilidade é que a palavra sofreu alguma influência analógica do sinônimo *oft*, em que a mudança [t] > 0 não ocorreu pela ausência do contexto condicionador. A semelhança semântica entre *often* e *oft* teria induzido os falantes a restaurar o [t], recriando o paralelo na estrutura sonora.

(4) O inglês antigo tinha vogais longas e breves, as quais mudaram de uma forma sistemática durante o desenvolvimento para inglês moderno. A tabela abaixo exhibe alguns exemplos típicos.

<u>INGLÊS ANTIGO</u>	<u>INGLÊS MODERNO</u>
1. [bru:n] <i>brūn</i>	[bɹaʊn] <i>brown</i> "marrom", "castanho".
2. [de:man] <i>dēman</i>	[di:m] <i>deem</i> "considerar", "julgar".
3. [do:m] <i>dōm</i>	[du:m] <i>doom</i> "fado", "destino".
4. [du:n] <i>dūm</i>	[daʊn] <i>down</i> "para baixo", "colina".
5. [æ:l] <i>ǣl</i>	[i:l] <i>eel</i> "enguia".
6. [æ:fen] <i>ǣfen</i>	[i:v(ɪ)n] <i>even(ing)</i> "tarde".
7. [fi:f] <i>fīf</i>	[faɪv] <i>five</i> "cinco".
8. [he:] <i>hē</i>	[hi:] <i>he</i> "ele".
9. [hæ:θ] <i>hǣþ</i>	[hi:θ] <i>heath</i> "área erma".
10. [ha:m] <i>hām</i>	[haʊm] <i>home</i> "casa", "lar".
11. [hu:s] <i>hūs</i>	[haʊs] <i>house</i> "casa".
12. [i:s] <i>īs</i>	[aɪs] <i>ice</i> "gelo".
13. [læ:ʃe] <i>lǣce</i>	[li:tʃ] <i>leech</i> "sanguessuga".
14. [me:d] <i>mēd</i>	[mi:d] <i>mead</i> "hidromel".
15. [mu:θ] <i>mūþ</i>	[maʊθ] <i>mouth</i> "boca".
16. [mi:n] <i>mīn</i>	[maɪ] <i>my</i> , [maɪn] <i>mine</i> "meu[s]/ minha[s]".
17. [a:k] <i>āc</i>	[oʊk] <i>oak</i> "carvalho".
18. [ra:d] <i>rād</i>	[roʊd] <i>rode</i> "andou a cavalo".
19. [ro:st] <i>rōst</i>	[ru:wst] <i>roost</i> "percar".
20. [ro:t] <i>rōt</i>	[ru:wt] <i>root</i> "raiz".
21. [so:θ] <i>sōþ</i>	[su:wθ] <i>sooth</i> "verdade".
22. [sta:n] <i>stān</i>	[stəʊn] <i>stone</i> "pedra".
23. [te:θ] <i>tēþ</i>	[ti:θ] <i>teeth</i> "dentes".
24. [ti:d] <i>tīd</i> "tempo"	[taɪd] <i>tide</i> "maré".
25. [to:θ] <i>tōþ</i>	[tu:wθ] <i>tooth</i> "dente".
26. [hwi:t] <i>hwīt</i>	[waɪt] <i>white</i> "branco".

Explique o que aconteceu com as vogais longas inglesas entre o período anglo-saxônico e o presente.

Resposta:

Houve um processo generalizado de ditongação e alçamento entre as vogais longas, que produziu a fusão de [e:], [æ:] (e [ɛ:], não exemplificado) em [i:]

<u>Inglês antigo</u>	<u>Fases medievais e pré modernos</u>	<u>Inglês moderno</u>
1. [i:] >	(> [iɪ] > [ij] > [əj] >)	> [aj]
2. [u:] >	(> [ou] > [ow] > [əw] >)	> [aw]
3. [ɑ:] >	(> [ɔ:] > [o:] >)	> [ow]
4. [e:] >	(> [i:] >)	> [ij]
5. [o:] >	(> [u:] >)	> [uw]
6. [æ:] >	(> [ɛ:] > [e:] > [i:] >)	> [ij]

(5) Na história do basco, o [n] intervocálico foi eliminado categoricamente durante o período medieval de forma que **ardano* "vinho" se tornou *ardao* [ar'da.o], **ini* "junco" foi convertido em *ihi* ['i.i] (o <h> foi uma técnica ortográfica desenvolvida para indicar o hiato) e **katena* "corrente", "cadeia" virou *katea* [ka'te.a]. Um processo idêntico operou no pré-português, cf. *cadeia*. Não obstante, em alguns casos, o resultado do processo no basco moderno foi diferente, p. ex.,

- | | |
|--|---|
| (a) <i>*zani</i> > <i>zain</i> "atento". | (g) <i>*initz</i> > <i>ihintz</i> "rocio". |
| (b) <i>*garanu</i> > <i>garaun</i> "grãos", "trigo". | (h) <i>*bedenikatu</i> > <i>bedeinkatu</i> "bento". |
| (c) <i>*seni</i> > <i>sein</i> "menino". | (i) <i>*zizani</i> > <i>zizain</i> "minhoca". |
| (d) <i>*usani</i> > <i>usain</i> "cheio". | (j) <i>*arrani</i> > <i>arrain</i> "peixe". |
| (e) <i>*zunai</i> > <i>zuhain</i> "feno". | (k) <i>*lehoni</i> > <i>lehoin</i> "leão". |
| (f) <i>*azkone</i> > <i>azkoin</i> "texudo". | (l) <i>*arrazone</i> > <i>arrazoin</i> "razão". |

Explique da maneira mais detalhada que puder o que ocorreu nesses casos. Umas dicas: (i) não se trata de metátese; (ii) o desenvolvimento aconteceu em mais do que uma fase (mas todos os processos que operaram foram mencionados na aula).

Resposta:

- Primeiro, houve **síncope** de [n]: [n] > Ø / V ___ V ;
- Depois, as vogais anteriores não altas anteriores ([e], no caso) foram **alçadas** quando seguiam a vogal tônica em hiato: [e] > [i] / 'V . ___ ;
- A seguir, ocorreu **ditongaço** em que vogais altas perderam sua silabicidade quando seguiam a vogal tônica em hiato: [i u] > [j w] / 'V . ___ ;
- Finalmente, ocorreu **epêntese** de [n] depois da última vogal ou ditongo da palavra (= **paragoge**, quando a vogal era final), mas antes de qualquer consoante final (só epêntese nesses casos):

Ø > [n] / V j, w ___ #

Ø > [n] / V i ___ C # (NB (g) **[i'nitʃ]* > *[i'intʃ]* *ihintz*.)

**zunai* [ʰʂu.naj] > **[ʰʂu.aj]* > [ʰʂu.ajn] *zuhain*.

**garanu* [ga'ranu] > **[ga'ra.u]* > **[ga'raw]* > [ga'rawn] *garaun*.

**askone* [aʂ'kone] > **[aʂ'ko.e]* (> **[aʂ'ko.i]*) > **[aʂ'koj]* > [aʂ'kojn] *azkoin*.

Os casos de *ihi* ['i.i], *ardao* [ar'da.o], *katea* [ka'te.a] não participaram no processo epentético porque não terminavam em um ditongo decrescente [aj ej oj aw] (curiosamente, no caso de [ar'da.o], em que o hiato não foi reduzido para [aw], pelo menos durante o tempo em que a epêntese operava). No caso de *katea*, o hiato não foi desfeito, porque [a] não é uma vogal alta e, portanto, não formou o ditongo decrescente

necessário, que excluiu a palavra do contexto da epêntese. Em [ˈi.i], não há nem glide nem outra consoante final.